

## O “Clube de Compras de Dallas” não é um filme sobre AIDS

Cecília Garcia - 22/02/2014



Um filme diz muito mais do momento em que foi produzido do que do momento que reproduz. Sendo assim, o baseado em fatos reais “Clube de Compras de Dallas” não pode ser um filme sobre AIDS como Filadélfia foi em 1993. Embora em 2014 ainda não se tenha a cura da doença, o pânico e o terror dos anos 80 não existe mais: é possível viver com a doença, os medicamentos não são mais tão caros e por aí vai. O que ainda paira, no entanto, – e é demonstrado com muita verossimilhança no filme de Jean-Mac Valle – é o preconceito sexual e o excesso de julgamentos.

Prova disso é que logo na primeira cena um esquelético Matthew McConaughey está transando com duas mulheres na coxa de um rodeio. Fraco, suado e fisicamente em frangalhos, ele “ouve” um ruído estourando dentro de sua cabeça. Ali, não estamos vendo Ron Woodroof: *somos* Ron, parte de suas entranhas e já sabemos que algo não vai bem. Esse ruído da cabeça dele nos persegue pelo filme e, várias vezes, estamos dentro do protagonista, vivendo uma experiência sinestésica. Podemos não ser como ele, um desregrado mulherengo, mas, inevitavelmente, somos humanos como ele e precisamos lidar com isso.

Há, ainda, outro enfoque muito contemporâneo: as rodinhas homofóbicas de Ron e seus 30 anos depois. Aliás, esta questão fica ainda mais forte

quando Ron se descobre já aidético: de que adianta tanto julgamento (“Rock Hudson é um chupa rola”, “Olha aquele viadinho!” e etc.) se, no fim, todos estão na mesma luta para viver com dignidade? Se somos Ron, como podemos ser insensíveis ao seu sofrimento pautando-nos num sentimento bizarro de superioridade puritana?

No filme, Woodroof (McConaughey) se transforma na própria figura do desespero quando, na biblioteca, precisa lidar com o fato de que, hétero ou não, se contaminou: não adianta mais fugir ou se disfarçar de caubói arrogante e machão. É isso que é transformador: a proximidade da morte e a necessidade de abrir mão de certas coisas para viver em paz. Se Cazuza passou a produzir como nunca, Freddie mergulhou no Queen e Caio Fernando Abreu dedicou sua produção a descrever com maestria o mal-estar social criado pela AIDS, no filme, Ron está decidido a não morrer. Surge, então, a delicada travesti Rayon (Jared Leto, incrível) e juntos eles fundam o “Clube de Compras de Dallas”, uma tentativa de testar tratamentos alternativos para burlar o esquema montado para a venda em massa do AZT (na época, ainda de alta toxicidade). Ron e Rayon entram juntos numa luta contra aqueles que querem colocar a data em suas certidões de óbito e tomar as decisões por eles.

Com cenas engraçadas e emocionantes (dentre as quais destacam a “gravata” do supermercado), o espectador é premiado com um filme que retoma os conceitos de empatia e compaixão através de uma atuação impecável de Matthew McConaughey em parceria com o igualmente inspirado Jared Leto. Não se trata de AIDS, de merecimento, de peste, de drogas ou sexo: “Clube de Compras de Dallas” é um tapão para nos lembrarmos de que todos merecem ter o direito a uma (sobre) vida digna, independentemente de qualquer contexto antiquado ou opinião controversa.

Fonte Original: <http://literatortura.com/2014/02/o-clube-de-compras-de-dallas-nao-e-um-filme-sobre-aids/>